

MANEJO DO POTRO ÓRFÃO

Rayana Mikaely da Silva Chagas^{1*}, Flávia de Almeida Francisco², Gustavo Fernandes Grillo³.

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Anhembí Morumbi – São Paulo/SP – Brasil - *Contato: rayana.chagas@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Anhembí Morumbi – São Paulo/SP – Brasil

³Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Anhembí Morumbi – São Paulo/SP – Brasil

INTRODUÇÃO

Segundo o MAPA (2016), o Agronegócio do cavalo movimentou anualmente 15 a 16 bilhões de reais e gera 610 mil empregos diretos e 2.430.000 empregos indiretos, sendo responsável, assim, por 3 milhões de postos de trabalho¹⁰. O Brasil possui um rebanho de equinos de 5,7 milhões, segundo o IBGE (2021). Além da sua importância como atletas ou em práticas de trabalho e lazer, com sua eficácia comprovada⁵.

Dentro da importância das criações de cavalos para o país e para o mundo, podemos observar que estudos sobre o aprimoramento do manejo de equinos são essenciais. Parte do manejo que é de grande importância, deve ser iniciado na gestação, e continuado com o nascimento até sua formação como cavalo adulto. Nessa fase neonatal podemos ter alguns imprevistos e problemas decorrentes de distocias no parto levando ao óbito das matrizes, com consequência de potros órfãos, o que pode ser comum em centrais de reprodução.

Muitos produtores acreditam que potros órfãos não se desenvolvem de maneira satisfatória. Esse é um mito causado por desconhecimento, pois um manejo adequado e uma boa alimentação podem garantir ao potro um desenvolvimento saudável⁶.

O nascimento pode ser um evento tanto natural quanto traumático a depender do ambiente e das condições da mãe, pois, se for uma égua muito magra o potro será frágil causando assim anorexia no potro recém-nascido, além da égua de ter uma produção de leite prejudicada, ou, se estiver com excesso de peso, terá dificuldade no parto, devido a um estreitamento do canal pélvico pelo acúmulo de gordura.

Nos casos de óbito da mãe no momento do parto, o potro órfão não terá colostro materno disponível. Além da nutrição, o colostro tem uma importante função na proteção, temporária ou passiva, contra os agentes infecciosos, por meio da produção de imunoglobulinas ou anticorpos. Nos equinos, a placenta é impermeável às imunoglobulinas que são macromoléculas, desta forma, não há transferência de imunidade durante a gestação. Com o potro nascendo agamaglobulinêmico, a transferência de imunidade só será possível nas primeiras horas de vida do recém-nascido, pela ingestão de colostro. Além de transmitir imunidade passiva nas primeiras semanas de vida o colostro possui propriedades laxativas que contribuem para a eliminação dos resíduos acumulados no intestino do feto durante a fase final da gestação, sob a forma de massa escura e viscosa conhecida como mecônio. Dessa forma, deve ser providenciado administração imediata, do colostro de outra égua. Caso não se tenha disponível na propriedade este colostro, deve-se procurar em algum outro haras que possua um banco de colostro para a proteção imediata do potro sob risco de vida para ele. A criação de um potro visa produzir um animal bem desenvolvido, sobretudo em termos de estrutura óssea e muscular, sem acúmulo de gorduras de reserva. O não fornecimento de alimentação adequada ao potro órfão em qualquer momento nos 12 primeiros meses de vida compromete, em definitivo, seu crescimento e desenvolvimento e imunidade. Existem poucas referências com esse assunto, o objetivo dessa revisão é demonstrar com base nas referências encontradas que há possibilidade de um potro órfão crescer saudável com táticas de manejo adequadas.

Palavras-chaves: Potro, manejo, neonato, órfão.

MANEJO

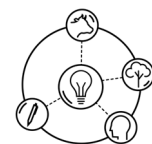
Na primeira fase do potro, que vai do nascimento até as 18 horas no pós-parto, alguns cuidados iniciais são fundamentais para a sobrevivência do potro. Ele deve ser limpo pela égua, para estimular a circulação e respiração, e tentar levantar sozinho que deve ocorrer em até 2 horas após o nascimento. No exame físico, o neonato pode apresentar sinais de imaturidade, de traumas que possam ter ocorrido durante o parto ou da presença de anormalidades congênitas. Em geral, o neonato apresenta temperatura variando entre 37,2 a 38,8 °C. A frequência cardíaca logo após o nascimento está em torno de 40 a 80 batimentos por minuto, no entanto

ocorre aumento progressivo à medida que o potro começa a se agitar para ficar em pé, a seguir está se estabiliza entre 70 e 120 batimentos por minuto. A palpação de pulso pode ser realizada palpando-se a artéria metatarsal, localizada entre o 2º e 3º metatarsianos. Avaliações da mucosa oral e do tempo de preenchimento capilar também devem ser realizadas. A coloração das mucosas deve estar rósea ou levemente pálida. A frequência respiratória normal do potro neonato varia entre 20 e 40 ventilações por minuto. A eliminação do mecônio ocorre nas primeiras horas de vida. Outro importante parâmetro é o tempo que o potro leva para urinar, isto deve ocorrer em até 12 horas após o nascimento³.

O recebimento de quantidades adequadas do primeiro leite produzido por uma égua, denominado colostro, é o primeiro cuidado que se deve ter quando os potros se tornam órfãos no primeiro dia de vida¹³. Nas primeiras seis horas após o nascimento, deve ser fornecido ao potro de 2 a 3 litros de colostro de boa qualidade, em pequenas doses de 300 a 500 ml, com intervalo de 1 a 2 horas e somente durante as primeiras horas de vida do recém-nascido a imunidade será adquirida através da ingestão de colostro. A passagem transplacentária de imunoglobulinas depende do tipo de placenta. Nos equinos, a placenta que do tipo epiteliocorial é impermeável às imunoglobulinas, assim, não existe transferência de imunidade durante a gestação. A transferência de imunidade só será possível nas primeiras horas de vida do recém-nascido, pela ingestão de colostro¹². Além da nutrição, o colostro tem uma importante função na proteção, temporária ou passiva, contra os agentes infecciosos, por meio da produção de imunoglobulinas ou anticorpos⁴. Nos casos em que o potro se torna órfão logo após o nascimento, é essencial garantir que ocorra adequada e rápida transferência de anticorpos maternos⁹. O principal método de alimentação do potro órfão é por via oral (mamadeira ou balde), sendo a utilização do balde o mais indicado por alguns autores, pois, é o método mais conveniente para a alimentação, pela facilidade do manejo e menor ligação do potro com os humanos, causando menos problemas ligados ao comportamento^{8,9}. A utilização de mamadeira é uma alternativa para alimentar o potro. Este método proporciona maior frequência de alimentações ao dia, além de ser o mais semelhante ao natural. Porém, consome muito tempo e pode gerar problemas comportamentais posteriores, como a domesticação, por encorajar a ligação do potro com o humano e a ocorrência de diarreia e úlcera gastroduodenal, resultado de estresse e de longos períodos sem mamar⁸. Durante o fornecimento da mamadeira, o potro deve estar de pé e recomenda-se observar a deglutição do leite, como forma de prevenir a aspição.

Existe ainda a possibilidade de promover a adoção do potro por uma égua da propriedade, que tem algumas vantagens como o aprimoramento da absorção do colostro, melhora na imunidade, termorregulação e viabilidade do potro⁸. É interessante que ele receba o leite da mamadeira até que a égua chegue e seja preparada para recebê-lo, de forma a encorajar a procura pelo teto e o reflexo de sucção, além de garantir correta colostragem⁸. Tal égua deve produzir abundância de leite, por ter perdido uma cria, ou possuir a capacidade de aleitar dois potros¹⁶.

O sucesso da adoção depende tanto da égua como do potro. Um potro entusiasmado, que já aprendeu a mamar na égua e está faminto tem mais chance de sucesso. Toda adoção deve ser feita com calma e cuidado, pois pode durar de horas a dias e o potro e a égua não devem ser deixados sozinhos, até haver a certeza de que a adoção foi bem-sucedida, pois há a possibilidade de a égua machucar o potro gravemente⁸. Em situações em que não há uma égua lactante disponível, existe um método prático de indução da lactação em éguas não paridas por meio de medicações, que é extremamente válido¹⁴. Este método permite a seleção de éguas não gestantes para serem utilizadas como “amas”, desde que estas tenham produzido potros nas últimas temporadas¹¹ ou pelo menos alguma vez em suas vidas, pois éguas que já criaram potros possuem a glândula mamária mais desenvolvida e é mais provável que tenham um comportamento maternal mais aguçado⁴.



X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

Além dos cuidados com alimentação, manejo e comportamento, cuidados extras com o ambiente, equipamentos utilizados e vacinação também são importantes. Recomenda-se que os potros sejam alojados em instalações secas, bem ventiladas e livres de correntes de ar.

A implantação de programa de vacinação e vermifugação para potros órfãos também é de extrema importância, o que possibilita adequado desenvolvimento aos animais. Os potros devem receber as vacinas contra tétano, raiva, encefalomielite (dos tipos Leste e Oeste), influenza e Rinopneumonite aos 60 dias de idade, com a aplicação do reforço 4 a 6 semanas após a primeira administração. O controle parasitário também pode ser iniciado aos 60 dias e o reforço a cada 2 meses é indicado¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sucesso do manejo do potro órfão depende muito do ambiente, das condições em que o potro se encontra somados a técnicas veterinárias, equipe na propriedade para dar suporte e bem-estar animal. Não existe um único protocolo a ser seguido, o que temos hoje é um trabalho em conjunto de acordo com a realidade de cada propriedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, K.P. Feeding and care of orphaned foals. University of Nebraska – Lincoln Extension. 2008. 3p.
2. CUNNINGHAM, J. G.; KLEIN, B. G. Tratado de Fisiologia Veterinária. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 506-516p.
3. DA CUNHA DIAS, Regina Valéria; LUSTOSA PIMENTEL, M. M. Cuidados com neonatos equinos. *Acta Vet Bras*, v. 8, n. 2, p. 302-4, 2014.
4. DAELS, P. F. Induction of Lactation and Adoption of the Orphan Foal. In: Annual Resort Symposium, 8., 2006, Roma, Itália. Anais.
5. EGUÍLUZ, M. A. A... Efeitos da equoterapia e fisioterapia convencional na força muscular de idosos com doença de Alzheimer. 2016. 65 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/>>. Acesso em: 08/ out /20
6. EQUINOCULTURA, Potros órfãos, c2014. Disponível em: <<https://www.equinocultura.com.br/2014/09/potros-orfaos.html>> Acesso em: 13 set. 2022.
7. IBGE, Rebanho de Equinos (Cavalos), c2021, Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/equinos/br>> Acesso em: 13 set. 2022.
8. KNOTTENBELT, D. C.; HOLDSTOCK, N.; MADIGAN, J. E. Equine neonatology. 1. ed. Saunders, 2004. 459-469 p.
9. MCAULIFFE, S. B.; SLOVIS, N.M. Color Atlas of Diseases and Disorders of the Foal. 1. ed. China: Elsevier, 2008. 127-129p.
10. MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2016. Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalos. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/equideocultura/anos-anteriores/revisao-do-estudo-do-complexo-do-agronegocio-do-cavalos>> Acesso em: 13 set. 2022.
11. NOGUEIRA, C.E.W.; LINS, L. A. Neonatologia e Pediatria Equina. 1. ed. Pelotas: Ed. Universitária, 2010. 110-115p.
12. PRESTES, N., C.; ALVARENGA, F. C. L., Obstetrícia Veterinária. 1. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006. 28-39/161-163p
13. SILVA, E. S. A. M., Scalco, E. M., LAMBERTI, M. S., Surian, C. R. D. S., PUOLI-FILHO, J., & Próspero, N. (2013). Cuidados com o potro órfão: revisão de literatura. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, (21).
14. STEINER, J. V. How to Induce Lactation in Non-Pregnant Mares. *AAEP PROCEEDINGS*, v.52, p.259-260, 2006.
15. THOMASSIAN, A. *Enfermidades dos Cavalos*. 4. ed. São Paulo: Varela, 2005. 3-9p.
16. TORRES, A. D. P.; JARDIM, W. R. Criação do cavalo e de outros equinos. 2. ed. Nobel, 1981. 393-413p.